

A invenção

Conto

Escritor gaudério

O Bentevi está eufórico. Após mais de uma semana de pesquisas e de experimentos, chegou a um resultado. Está faltando apenas, pôr em prática a sua invenção. E, para tanto, escolheu o restaurante do seu amigo Lusitano. A sua cobaia será o ... Bochecha.

Pega sua invenção e vai para o restaurante. Enquanto caminha, sua imaginação começa a funcionar. Imagina a manchete de primeira página nos jornais da cidade, quiçá do estado ou, quem sabe do Brasil: *Inventor amador cria um canudo ecológico*. Encontra-se tão absorvido pelas ideias de grandeza, que quase é atropelado por uma carroça na hora de atravessar a rua. O carroceiro consegue segurar o cavalo a tempo, antes que o focinho do equino lhe bata no rosto. Depois do susto, vem-lhe outra imagem de capa de um jornal: *Inventor amador é atropelado por um cavalo ao atravessar uma rua*. Pedindo um milhão de desculpas olha para o carroceiro, que o xinga furiosamente:

— Tá no mundo da lua, seu paspalho!

Finalmente chega em segurança à porta do restaurante e entra. São cinco horas da tarde e o estabelecimento ainda está vazio. O Taquarinha prepara as mesas para o *Happy Hour* e o Bochecha encontra-se atrás do balcão lavando copos. Bentevi cumprimenta o Taquarinha e se dirige à pessoa que irá experimentar sua invenção. Fica feliz por não ter mais ninguém no restaurante além dos três, porque, se a experiência não der certo, somente os dois – o Taquarinha e o Bochecha – serão as testemunhas do seu fracasso.

Juntamente com a invenção, Bentevi traz duas garrafas de guaraná. Chega ao balcão e pergunta ao Bochecha:

— Onde está o Lusitano?

— O Seu Lusitano teve que sair para resolver um probleminha, mas logo vai estar de volta. É só com ele?

— Não, é contigo mesmo. Acontece que eu inventei um canudinho especial para refrigerante e gostaria de experimentar.

— Um canudinho? Eu experimentar?

— Sim, um canudinho, mas este é especial. Não é como aqueles de plásticos que a gente usa uma vez e depois joga fora. O meu tem um filtro poderoso em seu interior. É um canudinho ecológico! Pode ser usado diversas vezes e para qualquer líquido depois de lavado. Vai revolucionar a indústria dos canudinhos.

- Bah ... se é como o Senhor diz, o patrão vai gostar muito, pois a gente joga no lixo um monte deles todos os dias.

- Então, vai experimentar ou não?

- Mas é claro Seu Bentevi. Deixa comigo!

O Bentevi abre a primeira garrafa e coloca um canudo de metal um pouco mais grosso que os convencionais e oferece o refrigerante ao Bochecha. Ele pega a garrafa notando o rótulo de guaraná. Olha intrigado para o canudo, dá de ombros e começa a sugar com vontade. O inventor observa com ansiedade as reações do rapaz.

Depois de algumas chupadas, a cara do Bochecha fica vermelha como um pimentão e começa a tossir e a cuspir violentamente. Os olhos do Bentevi se arregalam. Meio apavorado faz a volta no balcão, pega-o pelos ombros e o sacode. Após alguns segundos, o rapaz respira fundo, e diz:

— Mas isto não é guaraná. Isto tem gosto de areia misturada com cinza. É água suja, pô.

O Bentevi, abatido, pede desculpas para o Bochecha. Recolhe o canudinho e se encaminha para a saída do restaurante com a cabeça baixa e os ombros caídos. Então o Bochecha pergunta ao Bentevi o que tinha dentro da garrafa e dentro do canudinho. O inventor se volta, e com a cara desolada, responde pedindo novamente desculpas:

— O líquido era mesmo guaraná e dentro do canudinho tinha uma camada de areia fina e uma camada de carvão ativado.

— E na outra?

— Tinha água com sabão. Se o teste da primeira desse certo, na segunda tu sentirias apenas, água pura. E vai em direção à portada de saída com rapidez antes que outras pessoas e o Lusitano ou, o que é pior, o Adamastor, entrem no restaurante e descubram seu fracasso. Mas, a providência, as vezes, é matreira e ingrata.

Bentevi está chegando na entrada, quando o Lusitano e o Adamastor, num bate-papo entusiasmado empurram a porta e entram, dando de cara com o Bentevi.

— Oi, Bentevi, exclama o Adamastor com um enorme sorriso. Eu ia te procurar em casa para combinar um assunto contigo, mas já que estás aqui, vamos sentar lá na nossa mesa e conversar. Pega o braço do amigo e o arrasta para a mesa. Notando as duas garrafas de guaraná nas mãos do Bentevi, sendo que numa aparece um caninho de metal, pergunta:

— O que é isto, Bentevi. Ao mesmo tempo, ele vira para o Lusitano e diz:

— Lusitano, manda fazerem dois baurus.

— E o que vão beber? Pergunta o Lusitano, também intrigado com o caninho que aparece na boca de uma garrafa.

— Não precisa trazer nada, o Bentevi já tem duas guaranás.

O Bentevi, branco como vela de cera, sacode a cabeça e larga entre dentes:

— Não Adamastor, estas guaranás não servem. Elas estão estragadas. Eu até ia devolver pro Lusitano e pegar outras.

O Lusitano se volta para os dois e responde a contrariado:

— Pera aí, Bentevi, eu não vendi nenhuma guaraná pra ti e, além do mais, tu sabes muito bem, que não troco nenhuma bebida.

Foi quando, de uma das mesas do outro lado do restaurante, o Taquarinha botou sua colher no meio da conversa:

— Seu Adamastor, estas guaranás aí, não são pra beber, não! É uma experiência que o Seu Bentevi fez e deu pro Bochecha experimentar.

— E quase morri engasgado! Emendou o rapaz atrás do balcão.

O Bentevi, coitado, se sentiu encurralado e não teve outra alternativa senão contar para os amigos, e algumas pessoas que já começavam a entrar, a frustrada invenção. Não deu outra, o Adamastor começou a rir de tal maneira, que quase caiu da cadeira. Depois de alguns minutos de gargalhadas, ele não se conteve e disparou, com um leve toque de ironia: